



INCERTEZA, PARADOXO E CRIATIVIDADE NA REPÚBLICA DE WEIMAR*

Rodrigo de Freitas Costa**

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

rfreitascosta@hotmail.com

RESUMO: Este artigo discute o nascimento da República de Weimar, ressaltando as suas contradições e suas possibilidades. Nesse processo, o pensamento de Rosa Luxemburg, aliado a uma participação efetiva nos acontecimentos revolucionários, oferece uma outra visão sobre a Alemanha depois da Primeira Guerra Mundial.

ABSTRACT: This article argues the birth of the Republic of Weimar, pointing out your contradictions and your possibilities. In that process, the Rosa Luxemburg`s critical thought, ally to an effective participation in the revolutionary events, offers another vision on the Germany after the First World War.

PALAVRAS-CHAVE: Rosa Luxemburg – Liga Spartakus – República de Weimar

KEYWORDS: Rosa Luxemburg – Spartakus Group – Republic of Weimar

O sujeito do conhecimento histórico é a própria classe combatente e oprimida. Em Marx, ela aparece como a última classe escravizada, como a classe vingadora que consoma a tarefa de libertação em nome das gerações de derrotados. Essa consciência, reativada durante algum tempo no movimento espartaquista, foi sempre inaceitável para a social-democracia. Em três decênios, ela quase conseguiu extinguir o nome de Blanqui, cujo eco abalara o século passado. Preferiu atribuir à classe operária o papel de salvar gerações futuras. Com isso, ela a privou das suas melhores forças. A classe operária desaprendeu nessa escola tanto o ódio como o espírito de sacrifício. Porque um e outro se alimentam da imagem dos antepassados escravizados, e não dos descendentes liberados.

BENJAMIN, Walter

* Este artigo faz parte da monografia de conclusão de curso intitulada **A Revolta Spartarkista sobre o olhar de Bertolt Brecht: um estudo de *Tambores na Noite***, defendida em dez./2003, na Universidade Federal de Uberlândia.

** Mestrando em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia, bolsista CAPES e integrante de Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura (NEHAC).

No momento em que o grande trovão estrondeou, explodindo a montanha mágica e arrebatando Hans Castorp de sua confortável espreguiçadeira, arremessando-o a um imenso lamaçal, a estrutura social, econômica e política da Europa foi alterada sensivelmente, e assim abriu os caminhos da sobreposição da técnica ao indivíduo e, como nos lembra Benjamin, dando início à pobreza de experiência.

Vista por muitos como a responsável por toda a situação, a Alemanha, em fins de 1918, além de humilhada pelo Tratado de Versalhes, encontrava-se diante de uma revolta de trabalhadores, cujo desfecho marcou o surgimento da grandiosa e paradoxal República de Weimar. Levada a frente pela Liga Spartakus, grupo formado por dissidentes do Partido Social-Democrata Alemão¹, e tendo como líderes Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht, a revolta de trabalhadores, mesmo durando um curto período, demonstrou a sujeição do indivíduo à técnica e abriu espaço à modernidade, a qual trouxe consigo a barbárie.

A revolta de trabalhadores, que representava a ameaça bolchevique em solo alemão, iniciou-se em outubro de 1918, com o levante dos marinheiros da base naval de Kiel. Várias ações foram organizadas até que, nas primeiras semanas de janeiro de 1919, os spartakistas tomaram a sede dos principais jornais de Berlim e, em questão de dias, foram violentamente reprimidos. Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht foram assassinados, pondo fim à revolta e abrindo espaço para o processo de “modernização conservadora”² em solo germânico. Abalada por uma guerra sangrenta, a Alemanha deixava de ser uma monarquia e tornava-se uma república em que conviveriam a velha

¹ O Partido Social-Democrata Alemão (SPD), representante dos trabalhadores, no final do século XIX, possuía um grande número de parlamentares, controlava um forte movimento sindical e ainda tinha perspectivas de crescimento. Paulatinamente, por meio de conchavos políticos, o SPD foi se aproximando da ordem capitalista a ponto de em 1914 a maioria de seus parlamentares serem favoráveis aos créditos de guerra. A grande discussão que havia entre os parlamentares social-democratas antes da guerra e que serviu para dividir o partido estava em torno da idéia de Revolução e Reforma. Desde o final do século, o dirigente partidário Bernstein era favorável à Reforma, pois, segundo ele, era possível chegar ao socialismo por meio de reformas graduais do capitalismo, Rosa Luxemburg sempre se opôs a esse pensamento e pregava a Revolução como meio de alcançar o socialismo. Com a aprovação dos créditos de guerra pelos social-democratas, os partidários que acreditavam na idéia de revolução e condenavam a guerra foram punidos e não tardaram em ser expulsos. Estes fundaram o Partido Social Democrata Independente e a eles uniu-se um pequeno grupo revolucionário do SPD, os Spartakistas.

² O termo “modernização conservadora” foi utilizado por Norbert Elias (ELIAS, N. **Os Alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e II. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1997.) e Annie Dymetman (DYMETMAN, A. **Uma Arquitetura da Indiferença**: a República de Weimar. São Paulo: Perspectiva, 2002.) para caracterizar a ausência de revolução burguesa na Alemanha, o que propiciou a convivência entre a antiga organização política do império alemão e a nova ordem econômica republicana, que teve como consequência uma grande carga de conservadorismo e anti-democracia na vida social e na organização político-partidária na República de Weimar.

organização política e a nova ordem econômica. Analisaremos mais de perto o processo revolucionário alemão e suas conseqüências por meio do pensamento da teórica marxista Rosa Luxemburg.

Em 1898, quando chegou à Alemanha, a polonesa aderiu ao Partido Social-Democrata e, aos poucos, tornou-se uma das principais partidárias, que tinha por meta prioritária a revolução. Veementemente opositora à Guerra Mundial, em 1914, declarou-se, publicamente, contrária à atitude de apoio da social-democracia ao conflito mundial. Em 1916, Rosa e Karl Liebknecht começaram a organizar um grupo contrário ao SPD e a favor da revolução socialista, que seria chamado de Liga Spartakus. Com o fim da guerra, os spartakistas tomaram a sede de alguns jornais de Berlim, foram reprimidos e suas ações passaram a ser denominadas de Revolta Spartakista. Utilizando alguns escritos da principal expoente do Spartakismo, poderemos compreender a situação imediata dos alemães no pós-guerra.

Poucos dias antes de ser assassinada, Rosa analisou a Revolta Spartakista:

O 9 de novembro foi uma revolução cheia de insuficiência e fraquezas. Isso não é surpreendente. Era a revolução sobrevinda após quatro anos de guerra, após quatro anos, durante os quais o proletariado alemão, graças à educação a que a social-democracia e os sindicatos o submeteram, testemunhou tal miséria e tal renegação de suas tarefas socialistas que não encontramos equivalente em nenhum outro país. [...] Chegara simplesmente o momento em que o imperialismo, como um colosso de pés de barro, podre por dentro, teria que desabar; pouco consciente, no qual o princípio de unidade, o princípio constante e salvador resumir-se-ia na palavra de ordem: *criação de conselhos de operários e de soldados*. Essa é a palavra de convocação dessa revolução que lhe deu de imediato o ar de uma revolução socialista proletária – apesar de todas as insuficiências e fraquezas do primeiro momento.³

Rosa percebeu as fraquezas da revolta, atribuindo tal fato não somente aos quatro anos de guerra mundial, mas também à educação a que a social-democracia e os sindicatos submeteram o proletariado alemão e colocou todas as suas esperanças nos Conselhos de Operários e Soldados (COS). Com base nessa crítica, analisamos algumas questões que são de extrema relevância para entender o significado do difícil nascimento da República de Weimar.

Como teórica e intérprete da obra de Marx, Rosa Luxemburg tinha uma concepção definida de história e, por isso, conseguiu elaborar uma teoria da ação

³ LUXEMBURG, R. Discurso Sobre o Programa. Apud. GUÉRIN, D. **Rosa Luxemburgo e a Espontaneidade Revolucionária**. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 86-87.

revolucionária fundamentada pelo marxismo. Para ela, todas as transformações sociais eram produto das leis do desenvolvimento econômico e social, no entanto, isso poderia ser alterado pela ação dos homens – *criatividade histórica*. Dessa forma, Rosa recorreu a Lassalle⁴, como símbolo da ação do homem, e reforçou a idéia de que não havia determinismo histórico se as massas se apoderassem da teoria marxista e, conseqüentemente, transformassem a realidade histórica. Por meio da ação das massas conscientes, seria possível “desentranhar o núcleo de racionalidade contido na história”.⁵

Nesse sentido, a força que gera todo o desenvolvimento histórico, livrando-o de qualquer determinismo e, ao mesmo tempo, abrindo caminho rumo ao socialismo, é a consciência das massas, a qual só é possível por meio do trabalho político e sindical. É nesse sentido que Luxemburg utiliza o termo *espontaneidade*. Essa consciência é adquirida por meio de um espontâneo processo dialético entre o proletariado e as forças que o oprimem, pois “é no próprio desenrolar da luta que o exército do proletariado toma cada vez mais consciência dos deveres desta luta”.⁶ Quando este grupo alcança consciência dos meios para chegar ao socialismo, cabe aos dirigentes partidários *esclarecer* – e não *dirigir* – as massas sobre seus interesses históricos. A relação entre esclarecer e dirigir é uma das principais fontes de divergências de Rosa com a social-democracia alemã, daí o seu áspero descontentamento com a educação essencialmente teórica a que o partido e os sindicatos submeteram o proletariado alemão.⁷

⁴ Para Rosa, Lassalle, ao lado de Marx e Engels são os três principais fundadores da social-democracia. Marx criou o materialismo histórico e Lassalle fundou o partido, pondo em prática o “socialismo científico”.

⁵ LOUREIRO, I. M. **Rosa Luxemburg: os dilemas da ação revolucionária**. São Paulo: Ed. Unesp, 1995, p. 32.

⁶ GUÉRIN, D. **Rosa Luxemburgo e a Espontaneidade Revolucionária**. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 24.

⁷ Desde antes da Primeira Guerra Mundial, Rosa Luxemburg já se preocupava com a educação que a social democracia impunha aos proletários. Em uma significativa passagem do texto **A Revolução Russa**, a teórica alemã demonstra seu descontentamento com a social democracia e sua admiração pelos proletários russos. Vejamos: *El despertar de las energías revolucionarias de la clase obrera alemana jamás podrá ser provocado, según el espíritu heredado de la socialdemocracia, por alguna sugestión inculcada a las masas, por la fe ciega en alguna autoridad infalible, ya sea la de sus propios ‘organismos’ o del ‘ejemplo ruso’. No es a través de la fabricación de una atmósfera apta a los reclamos de la revolución, sino en cambio a través de la comprensión de toda la tremenda seriedad, de toda la complejidad de las tareas, de la madurez política y de la independencia espiritual, de la capacidad de juicio crítico de las masas – durante décadas enteras sofocadas de manera sistemática, bajo los pretextos más variados, por la social-democracia alemana – como prodrá generarse en nuestro proletariado la capacidad de operar siguiendo una perspectiva histórica. Un examen crítico de la Revolución Rusa en todas sus conexiones históricas no puede menos que ser la mejor escuela para*

Os conceitos de *esclarecimento* e *espontaneidade* foram duramente criticados pelos líderes da social-democracia alemã, pois retiravam do partido a idéia de vanguarda esclarecedora. Karl Kautsky, líder e teórico da SPD, foi enfático ao afirmar que “a consciência socialista [...] só pode brotar na base de um profundo conhecimento científico. [...] A tarefa da social-democracia é introduzir no proletariado a consciência da sua situação e a consciência de sua missão”.⁸ Este dirigente atribuía ao partido a função de esclarecimento das massas, em contraposição à Rosa, que valorizava a ação livre. O tempo, juntamente com outros fatores, veio a demonstrar que o partido podia retirar das massas sua capacidade revolucionária. Nesse sentido, é notório que existiam sérias divergências no interior da social-democracia alemã, as quais se acirraram nos anos anteriores à primeira Guerra Mundial e levaram, em 1916, à primeira Conferência Nacional e posterior criação da Liga Spartakus, por Rosa Luxemburg, Karl Liebknecht e Leo Jogiches.

Percebemos, portanto, que não só o conceito de história, mas também a própria noção de partido era, para Rosa, fundamentado na ação livre das massas e, por isso, não era encarado como conceito estático, mas visto por meio de uma relação entre processo objetivo e classe social, daí sua crítica à social-democracia.

Para que compreendamos o sentido da confiança e da esperança de Rosa com relação aos Conselhos de Operários e Soldados (COS), devemos analisar a maneira como a idéia de democracia foi entendida pela teórica revolucionária.

Segundo Isabel Loureiro, os COS “surgiram de forma improvisada, independentemente de quaisquer iniciativas partidária. [...] Não foram imitação do modelo russo, mas criação espontânea das massas alemãs que, no entanto, viram nos soviets a forma apropriada para a sua revolta contra o poder estatal”.⁹ Nessa perspectiva, os COS era a projeção de todo o pensamento de Rosa para o campo da realidade, era, na verdade, a grande possibilidade que restava a um possível socialismo alemão pós-1918.

De maneira alguma, Rosa defendia a democracia liberal pautada no consenso da maioria, pois as liberdades burguesas não interessavam ao proletariado, este não

las masas trabajadoras, tanto alemana como internacional, para las tareas que le plantea la situación presente. (LUXEMBURG, R. **La Revolución Rusa**. Bogotá: Ed. Controvérsia, 1973, p. 22).

⁸ KAUTSKY, L. Um Elemento Importado de Fora. Apud. GUÉRIN, D. **Rosa Luxemburgo e a Espontaneidade Revolucionária**. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 92.

⁹ LOUREIRO, I. **Rosa Luxemburg: os dilemas da ação revolucionária**. São Paulo: Ed. Unesp, 1995, p. 145.

devia contentar-se com tal fetiche e, a partir dele, devia-se criar uma nova organização política e social. Com a revolução, ela acreditava que os COS eram a maior expressão democrática e, portanto, a democracia socialista tornara-se *governo conselhist*, ou seja, *autogoverno dos produtores* respaldado pela espontaneidade e consciência. Nesse sentido, a teórica e revolucionária declarara no mesmo texto da citação anterior – *Discurso Sobre o Programa* (1918) – que era “preciso minar na base do Estado burguês, subtrair-lhe cada função social, não mais separando, mas unindo em todo o lugar o poder executivo, a legislação e a administração e colocando-os nas mãos dos conselhos de operários e soldados”.¹⁰ Pode-se afirmar que a maior contribuição deixada pela Revolta Spartakista foi a experiência dos COS, os quais confirmaram a teoria – *consciência* por meio da *espontaneidade* – e também possibilitaram vislumbrar um dos principais problemas do socialismo russo: a ausência dos trabalhadores na estetização dos meios de produção, gerando a burocratização, pois os soviets, grandes influenciadores dos COS, tornaram-se órgãos do partido bolchevique e do Estado soviético. Tudo isso demonstra que as críticas de Rosa à educação puramente formal da social-democracia tinham fundamentos sólidos, pois, como vimos (nota 7), a teórica marxista buscou respaldo prático no bolchevismo russo que, segundo ela, apesar de todas as dificuldades, soube ousar. Além disso, Luxemburg não teve dúvidas em afirmar que o proletariado alemão, com a educação social democrata, representava uma caricatura da luta de classes socialista. Entretanto, ela não teve tempo de teorizar sobre os COS.

Esse breve sobrevôo pelo pensamento de Rosa Luxemburg só foi possível devido ao tempo, um dos vários vividos por Hans Castorp na montanha mágica, que, “à sua maneira silenciosa, imperceptível, secreta e contudo ativa”, nos leva a pensar que, em solo germânico, existiam todas as condições necessárias para o estabelecimento de uma sociedade socialista. No entanto, a situação da Alemanha não era tão favorável, e a guerra impediu que as idéias de Rosa, relativas à espontaneidade, se concretizassem efetivamente. O forte golpe sobre o pensamento da pensadora marxista não ortodoxa foi o grande trovão, o outro, que lhe retirou a vida, foi apenas conseqüência do primeiro.

Rosa sempre foi veementemente contra a guerra, e sua maior decepção veio nos meses anteriores ao início do morticínio imperialista: a social-democracia alemã,

¹⁰ LUXEMBURG, R. *Discurso Sobre o Programa*. Apud. GUÉRIN, D. **Rosa Luxemburgo e a Espontaneidade Revolucionária**. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 88.

cérebro da Segunda Internacional, apoiou os créditos de guerra. Na visão de Luxemburg, o estandarte do movimento socialista mundial curvara-se diante do chauvinismo burguês olvidando-se dos princípios marxistas da luta de classes. Com o apoio da social-democracia à guerra, ficava bem mais difícil, mas não impossível, a prática da conscientização proletária por meio da experiência.

Presa durante quase todo o período de guerra, Rosa utilizou esse momento para escrever sua maior crítica à social-democracia, que foi publicada em 1916 sob o título de *A Crise da Social-Democracia*. Nessa obra, Luxemburg deixou clara a sua angústia com relação ao partido, à guerra e ao nacionalismo, no entanto, ainda acreditava firmemente nas situações revolucionárias, momentos em que “as massas não organizadas tomam a iniciativa, arrastando o partido atrás de si, caso este insista em permanecer no seu imobilismo parlamentar”.¹¹

Para que possamos perceber o peso da primeira Guerra Mundial sobre o pensamento de Rosa Luxemburg, nada melhor que utilizar suas próprias palavras. Segundo ela:



Uma coisa é certa, a guerra mundial representa uma viragem para o mundo. É loucura insensata imaginar que nada mais temos a fazer do que deixar passar a guerra, tal como a lebre espera o fim da tempestade sob um silvado, para, em seguida, retomar alegremente o seu passo normal. A guerra mundial modificou as condições da nossa luta e transformou-nos a nós próprios radicalmente. Não que as leis fundamentais da evolução capitalista, o combate entre o capital e o trabalho, devam conhecer um desvio ou uma moderação. Já agora, em plena guerra, caem as máscaras e as antigas feições, que conhecemos tão bem, olham-nos com escárnio. Mas, depois da erupção do vulcão imperialista, o ritmo da evolução recebeu tão violento impulso, que comparado aos conflitos que surgirão no meio da sociedade e à imensidade de tarefas que esperam o proletariado socialista num futuro imediato, toda a história do movimento operário parece não ter sido até agora mais do que um período paradisíaco.¹²

Por confiar na ação consciente e espontânea do proletariado, sem nenhum determinismo teórico ou histórico e mesmo reconhecendo que a guerra “representa uma viragem para o mundo”, Luxemburg acreditava que as massas não podiam esperar o conflito mundial passar, elas deviam perceber as transformações radicalmente impostas pelo conflito, utilizando-as a seu favor. Rosa nunca se esmoreceu diante de qualquer

¹¹ LOUREIRO, I. **Rosa Luxemburg**: os dilemas da ação revolucionária. São Paulo: Ed. Unesp, 1995, p. 110.

¹² LUXEMBURGO, R. **A Crise da Social-Democracia**. Editorial Presença: Lisboa, p. 14.

acontecimento que a prejudicasse e sempre tentou utilizá-los em favor da luta do proletariado. Apesar de sua resignação de Rosa, não há dúvidas de que ela foi consideravelmente abalada pela guerra.

No final do primeiro capítulo de *A Crise da Social-Democracia*, a teórica alemã foi enfática ao criticar o partido social-democrata e ao posicionar a luta do proletariado acima de qualquer influência partidária. Incluindo-se no movimento proletário, Rosa afirmou: “nós não estamos perdidos e venceremos, contanto que não tenhamos desaprendido de aprender. E, se alguma vez a actual guia do proletariado, a social-democracia, não mais soubesse aprender, então desapareceria, para dar lugar aos homens que estivessem à altura de um mundo novo”.¹³ Está clara a preocupação de que o proletariado mundial deveria inquietar-se, acima de tudo, com seu movimento e não se deixar levar por uma guerra, cujo âmago era burguês. Com o fim da guerra, Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht foram assassinados sob o olhar indiferente dos governantes da república que acabara de nascer, e tais dirigentes eram expoentes da social-democracia. Talvez tenha faltado a Luxemburg a companhia de um certo senhor Settembrini¹⁴, o qual, pelas palavras de seu criador, era um racionalista e humanista retórico, que sempre se preocupou pedagogicamente com Hans Castorp, o filho enfermeiro da vida.

Após o término da guerra, o curto trabalho desta intelectual centrou-se na Liga Spartakus e no movimento revolucionário. No dia primeiro de janeiro de 1919, Rosa Luxemburg pronunciou seu *Discurso Sobre o Programa*, criticando a social-democracia e colocando toda a sua esperança nos Conselhos de Operários e Soldados. Após seu assassinato e o esmagamento da revolução, a Liga Spartakus transformou-se no Partido Comunista Alemão (KPD), com tudo isso:

[...] tornou-se irrevogável a divisão da esquerda europeia entre os partidos comunista e socialista; ‘o abismo que os comunistas haviam descrito na teoria tornara-se o abismo do túmulo’. E como esse primeiro crime contara com o apoio e a cumplicidade do governo, deu início à dança da morte na Alemanha pós-guerra: os assassinos da extrema direita começaram liquidando líderes proeminentes da extrema esquerda – Hugo Hasse e Gustav Landauer, Leo Jogiches e Eugene Levine –, e rapidamente passaram para o centro e o centro-direita – para Walther Rathenau e Matthias Erzberger, ambos

¹³ LUXEMBURGO, R. *A Crise da Social-Democracia*. Editorial Presença: Lisboa, p. 24.

¹⁴ Settembrini, ao lado de Hans Castorp, é um dos principais personagens do romance *A Montanha Mágica* que tem por função “ensinar” Castorp pelos caminhos do racionalismo. Segundo Peter Gay, Settembrini é uma referência de Thomas Mann a seu irmão, Herinch Mann.

membros do governo na época do seu assassinato. A morte de Rosa Luxemburgo tornou-se o divisor de águas entre duas eras na Alemanha; e tornou-se o ponto sem retorno para a esquerda alemã. Todos os que haviam derivado para os comunistas, devido a um amargo desapontamento com o Partido Socialista, ficaram ainda mais desapontados com o rápido declínio moral e desintegração política do Partido Comunista, e, no entanto, sentiam que o retorno às fileiras dos socialistas significaria a aprovação do assassinato de Rosa. Essas reações pessoais, que raramente são admitidas em público, constituem as pequenas peças do mosaico que obtêm seu lugar no imenso quebra-cabeça da história.¹⁵

A situação alemã nos anos anteriores à guerra permitiu a Rosa teorizar sobre a condição do proletariado mundial, no entanto, este acontecimento trouxe a banalização da morte e o esmagamento do ser humano a favor do imperialismo. Pode-se dizer que, apesar do fim do conflito mundial, a Alemanha, como país derrotado, não se desarmou, o que houve foi a utilização das armas nos mais diversos segmentos sociais e de diversas formas, inclusive como forma política. O peso da guerra era enorme para todos os alemães, independente de ser pensador, pequeno-burguês, desempregado, soldado ou político.

Talvez uma das maiores reflexões que nos auxilie a entender o pensamento de Rosa Luxemburg, assim como sua não concretização, esteja nas *Teses sobre o conceito de história* de Walter Benjamin.

Perseguido pelos nazistas, exilado na França e extremamente frustrado com sua condição, Benjamin demonstra em suas *Teses* uma enorme decepção com a social-democracia alemã, que para ele foi uma das responsáveis pela chegada de Hitler ao poder, e além disso, o pensador alemão elabora uma contundente crítica à maneira como as pessoas enxergam e analisam os acontecimentos históricos. Em uma de suas críticas ao pensamento dos dirigentes social-democratas, Benjamin foi enfático ao afirmar que:

A teoria e, mais ainda, a prática da social-democracia foram determinadas por um conceito dogmático de progresso sem qualquer vínculo com a realidade. Segundo os social-democratas, o progresso era, em primeiro lugar, um progresso da humanidade em si, e não das suas capacidades e conhecimentos. Em segundo lugar, era um processo sem limites, idéia correspondente à da perfectibilidade infinita do gênero humano. Em terceiro lugar, era um processo essencialmente automático, percorrendo, irresistível, uma trajetória em flecha ou em espiral. Cada um desses atributos é controvertido e poderia ser criticado. Mas, para ser rigorosa, a crítica precisa ir além deles e concentrar-se no que lhes é comum. A idéia de um progresso

¹⁵ ARENDT, H. **Homens em Tempos Sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 39.

da humanidade na história é inseparável da idéia de sua marcha no interior de um tempo vazio e homogêneo. A crítica da idéia do progresso tem como pressuposto a crítica da idéia dessa marcha.¹⁶

Ao criticar a social-democracia, Walter Benjamin insere uma questão essencialmente importante em toda discussão até aqui apresentada: a concepção de progresso. Os dirigentes do Partido Social-democrata, ancorados em uma noção de tempo linear, “homogêneo e vazio” e, conseqüentemente, em um “conceito dogmático de progresso”, sempre acreditaram que o momento perfeito para que o proletariado se conscientizasse de suas responsabilidades chegaria em um futuro próximo. Nesse sentido, verificamos que a noção de história dos dirigentes da SPD é diametralmente oposta à noção defendida por Rosa Luxemburg, pois, enquanto os primeiros fundamentavam suas ações na educação exclusivamente ideológica das massas, acreditando que o determinismo fizesse o restante, Rosa confiava na ação como única força capaz de mudar o presente e não o futuro, o que lhe importava era o momento vivenciado pelo proletariado e não o que ainda estaria por vir. O mesmo progresso que prende o anjo da história de Benjamin, impelindo-o para o futuro, também aprisiona o pensamento de Rosa contribuindo para o acúmulo incansável de ruínas e, como nos mostrou Arendt, transformando em ruínas a própria esquerda européia.

O fato de Rosa Luxemburg ser judia pode ter contribuído para que ela entendesse o tempo de um modo peculiar, pois, para o povo judeu, seguindo as palavras de Walter Benjamin, “em cada segundo do futuro há uma porta estreita pela qual pode penetrar o Messias”. O tempo judaico é carregado de “agoras” e não simplesmente de devir. Hannah Arendt, em *Homens em Tempos Sombrios*, refere-se à participação de Rosa em um “grupo de iguais” judaico-polonês, formado por judeus de classe média com “formação cultural alemã (Rosa Luxemburg conhecia Goethe e Morike de cor, e seu gosto literário era impecável, muito superior ao dos seus amigos alemães), formação política russa e padrões morais na vida pública e privada exclusivamente seus”.¹⁷ Isso denota que o pensamento judaico sempre esteve vivo em Rosa, e não é por acaso que, no último texto de Benjamin – também judeu – fique explícita as referências contrárias à idéia de tempo “homogêneo e vazio” e favoráveis ao movimento spartakista. Para o grupo majoritário da SPD, a noção de progresso falou mais alto que a idéia de

¹⁶ BENJAMIN, W. Teses sobre o conceito de história. In: _____. **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1994, v. 1, p. 29.

¹⁷ ARENDT, H. **Homens em Tempos Sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 43.

moralidade, pois os deputados da social-democracia sempre esperaram o momento “certo” para que a revolução acontecesse a ponto de, em 1914, aprovarem os créditos de guerra.

Por todas essas discussões, percebemos que a Alemanha possuía uma conjuntura política bastante específica nos anos anteriores e posteriores à primeira Guerra Mundial: de um lado, uma posição extremamente conservadora e, de outro, as condições necessárias para uma situação revolucionária. Com a guerra, sedimentou-se o caminho para a República de Weimar e, conseqüentemente, o processo de “modernização conservadora” na Alemanha. Vejamos mais de perto a situação da primeira república alemã.

Algumas peculiaridades da sociedade alemã em meados do século XIX são significativas para a compreensão do processo de constituição de uma posição conservadora por parte da sociedade alemã durante os anos da República de Weimar.

Ao contrário da maioria dos Estados europeus, a Alemanha, nos últimos decênios do século XIX, possuía uma estratificação social pautada por critérios de ancestralidade, ou seja, a organização social, nos anos anteriores à República de Weimar, estava organizada segundo arquétipos aristocráticos. Norbert Elias, em *Os Alemães*, ressalta que a Alemanha, na passagem do século XIX para o século XX, estava adaptada socialmente de acordo com um ordem autocrática e hierárquica, o que reforçava o constante desejo por uma hierarquia estável de dominação e subordinação. Aos ouvidos desse país conservador, os pensamentos de Rosa Luxemburg não passavam de bravatas do populacho e, por isso, deveriam ser calados.

A organização social assentada em bases aristocráticas foi preponderante para o chauvinismo alemão nos anos que precederam a primeira guerra. A idéia de uma sociedade forte militarmente, capaz de se igualar às grandes potências européias, embalou o sonho de muitos alemães que apoiaram a guerra sem analisar as reais condições de vencer, caso os Estados Unidos lutassem ao lado dos Aliados. O apoio de grande parcela da população ao primeiro conflito armado mundial foi tão contundente, que levou os alemães a um esforço de guerra que exauriu a organização social e econômica da Alemanha.¹⁸ De fato, o ano de 1914 representou uma “viragem para o

¹⁸ Segundo Lionel Richard o esforço de guerra causou na Alemanha um forte desequilíbrio econômico e social, a exploração do trabalho feminino nas fábricas, a evasão de alunos e professores nas universidades, muitos jovens foram submetidos à preparação militar, carência da população por produtos de primeira necessidade, entre outros fatores.

mundo”, no entanto, 1918 representou uma viragem para a Alemanha, que teve que carregar o pesado fardo das conseqüências da guerra.

Segundo Annie Dymetman, a carência de uma revolução burguesa na Alemanha, como as que ocorreram na Inglaterra e na França, levou, no período posterior a 1918, à convivência entre o antigo e o novo, entre a velha organização política e a nova ordem econômica. Os assassinatos dos pensadores e políticos de esquerda foram conseqüências da transliteração do regime sócio-político aristocrático e hierárquico para uma nova ordem econômica e política, pois essa “continuidade estrutural” do antigo regime sob a organização partidária e parlamentar representou uma carga de conservadorismo e anti-democracia. Na verdade, era

um Estado em processo de formação, centralização e unificação tardios, que também passava pelas transformações produzidas pela fusão entre a modernidade técnica e a sociedade de massas, o que terminou criando o espaço para um racismo de Estado como atração e elo substitutivos da integração e que, numa estilização e estetização da política, fundada no terror, estava moldando uma *revolução conservadora*.¹⁹

Um dos principais efeitos da “continuidade estrutural” alemã, durante os anos da República de Weimar, foi o que Norbert Elias denominou de “declínio do monopólio estatal da violência”. Tal declínio levou à formação dos *corpos francos*, responsáveis pelo assassinato dos líderes de esquerda e embrião das SA e SS.

De acordo com Norbert Elias:

foi característico da situação da Alemanha, no final da guerra de 1914-18, que as novas autoridades governantes tivessem controle somente em medida muito limitada sobre as forças militares e policiais necessárias à manutenção do monopólio da violência física e, portanto, à paz interna. O Estado alemão no período de Weimar era, quanto a isso, um Estado rudimentar. E foi essa circunstância que deu aos movimentos e organizações violentos da classe média e da classe trabalhadora sua oportunidade de ação.²⁰

A nobreza alemã, desde a unificação do país, em 1871, tinha como base de comportamento e conduta as confrarias duelistas estudantis, as quais eram regidas pelo uso das armas como forma de pedir e dar satisfações. Tal código de conduta, que favorecia o uso da violência como a maneira mais apropriada para o estabelecimento de

¹⁹ DYMETMAN, A. **Uma Arquitetura da Indiferença**: a República de Weimar. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 02.

²⁰ ELIAS, N. **Os Alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e II. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1997, p. 199.

relações sociais, sempre esteve presente entre as classes superior e média da Alemanha no período posterior a 1918. A derrota na guerra, bem como suas conseqüências imediatas impostas pelo Tratado de Versalhes, que, entre outras coisas, reduzia o exército Alemão a 100 mil homens, era um pesado golpe para os conservadores, que tinham a violência e a força militar como código de conduta. Perder a guerra significou para muitos uma humilhação mundial da qual era preciso restabelecer-se.

A maioria dos jovens das classes média e superior alemãs, seguindo os arquétipos aristocráticos e hierárquicos dos anos do II Reich (1871-1918), tinham por objetivo auxiliar as forças armadas de seu país, tornando-se um militar servidor da pátria e, conseqüentemente, reforçador do código de conduta pautado pelo duelo. Com a derrota na guerra, o fim da monarquia e a imediata restrição do número de soldados do Exército alemão pelos Aliados, os jovens viram suas carreiras interrompidas e logo trataram de restabelecê-las por meio da formação de brigadas de voluntários, os Freikorps. Contra tudo que remetesse à humilhação imposta pela derrota na guerra, os Freikorps agiram como verdadeiras tropas ultranacionalistas e não tiveram dúvidas quanto à utilização da violência seguida de morte.

O governo da República de Weimar, desde 1918, foi gradativamente perdendo o monopólio da violência para as tropas de assalto. Esse foi um processo que, aos poucos, corroía a estrutura da primeira república alemã e abria espaço para a política nazista e a preparação para uma guerra seguinte. Era a consumição do Estado alemão pelos próprios alemães como conseqüência dos tremores de terra causados pelo grande trovão em uma região onde não houve uma revolução burguesa.

Logo após a primeira Guerra Mundial, os Aliados mantiveram-se, constantemente, atentos à militarização alemã, aos poucos, essa atenção foi sendo desviada para a militarização russa, dessa forma, o surgimento de forças anticomunista na Alemanha passou a não desagradar aos Aliados.

Assim ocorreu que as associações paramilitares de defesa, de orientação burguesa, que já tinham procurado realizar seus objetivos de política externa/nacional e seus objetivos de política interna/ social usando os mesmos meios violentos, emergiram gradualmente de sua penumbra de clandestinidade.²¹

²¹ ELIAS, N. **Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e II.** Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1997, p. 203.

No final da década de 1920, o Estado alemão estava inteiramente fragmentado e fragilizado, e a crise econômica de 1929 foi somente o golpe final sobre a corroída estrutura da República de Weimar.

É importante ressaltar que a “continuidade estrutural” na Alemanha tinha como característica a integração da burguesia a um processo de feudalização, ou seja, os burgueses de classe média e alta, cada vez mais, se inseriam no mundo das confrarias estudantis duelistas e recorriam, continuamente, ao duelo e à força como código de conduta.

Diante dessa dolorosa passagem da Alemanha de um estágio feudal, conservador e aristocrático para, uma outra Alemanha, republicana e capitalista, Dymetman não tem dúvidas em afirmar que a República de Weimar passou a existir por meio da violência das massas, inicialmente, na primeira Guerra Mundial, depois, na Revolta Spartakista e, conseqüentemente, na ação dos Freikorps.

Nesse sentido, o trauma do nascimento da República de Weimar tornara-se maior e com amplas dimensões, pois deixara de estar restrito aos conservadores e ficara doloroso também para a esquerda e, aos poucos, à grande maioria da população. Walter Benjamin não tem dúvidas ao afirmar que a participação das pessoas na primeira guerra deixou-as pobres de experiências e, em decorrência disto, reenviou-as a um processo de interiorização psicológica intensa. Nesse campo devastado pelo grande trovão, não se poderia esperar outra atitude que a ratificação do totalitarismo pela população. É necessário ressaltar que, apesar de Hitler não ter sido eleito, ele conseguiu chegar ao poder por vias legais.

Um outro aspecto da “continuidade estrutural” que muito contribuiu para a instabilidade da República de Weimar foi a própria Constituição republicana, a qual se remetia, segundo Dymetman, à Constituição imperial de 1824. Essa referência a um passado distante pôs em perigo a essência do próprio Estado, assim como do Parlamento. O peso do conservadorismo monárquico

transformou o Parlamento em campo de batalha entre interesses, tendo por função influenciar o governo, embora com pouca eficácia. A reputação dos Parlamentos decaíra: era uma instituição cara e desnecessária. Eram tempos em que qualquer grupo surgido fora do Parlamento tinha chances de se tornar popular; pareciam mais competentes, sinceros e realmente interessados na coisa pública. Após

décadas de governo multipartidário ineficiente e confuso, a tomada do poder por um só partido podia parecer um alívio.²²

O caminho para o nazismo, pouco a pouco, foi sendo aberto pelas incongruências e paradoxos da República de Weimar.

Diante de todas as discussões até aqui apresentadas, cabe-nos indagar qual o significado da República de Weimar. É óbvio que a organização política germânica, no período posterior à primeira Guerra, representava uma grande novidade para todos alemães, no entanto, a maneira como essa novidade foi recebida pela população acirrou a divisão social entre conservadores e liberais.

Os conservadores, como representantes da velha ordem social monárquica e hierarquizada, ao defender seus interesses, deixaram evidente sua propensão em não aceitar a modernização trazida pela guerra, sem acrescentar a ela uma conduta essencialmente feudal. Por mais paradoxal que possa parecer, a burguesia alemã, que conseguiu se fortalecer após a superação das graves crises econômicas impostas pela guerra, feudalizou-se e, com isso, foi gradativamente, em especial, por meio do nacionalismo e da violência, construindo o caminho para a chegada de um líder messiânico. Portanto, a desestruturação da República de Weimar, em 1933, com a ascensão de Hitler ao poder, não pode ser vista somente como consequência da crise econômica mundial de 1929, pois ela é fruto de um processo bem mais amplo que teve suas raízes na modernização da Alemanha.

Já para os liberais a República de Weimar, representava uma novidade favorável, porém a forte interferência dos grupos conservadores na estrutura organizacional do Estado, os quais receberam senão o apoio pelo menos a conivência dos social-democratas, castrou a possibilidade de uma participação ampla dos liberais na estrutura estatal.

Apesar de todas as incongruências do Estado alemão, o campo cultural, durante todos os anos da República de Weimar, esteve aberto à criação e à contestação social. Segundo Lionel Richard:

Nos meses de agitação revolucionária que se tinham seguido o armistício, um movimento de atividade criadora de uma amplitude sem precedentes tivera início em toda a Alemanha. Todas as paixões reprimidas explodiam, todos os laços artificiais se quebravam. A vontade de romper com o passado, de construir algo novo, inflava a

²² DYMETMAN, A. **Uma Arquitetura da Indiferença**: a República de Weimar. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 54.

maior parte de uma geração de poetas e pintores que, apenas saídos da adolescência, tinham sido atingidos pelas atrocidades da guerra. Seu ideal? Regenerar a humanidade, abrir caminho para o reinado de um homem novo, de um homem verdadeiramente humano!²³

Não é por mero acaso que Berlim, nos anos de 1920, tornou-se a capital cultural mundial. Pode-se afirmar, portanto, que um processo de duplo vínculo surgiu em solo germânico no pós-guerra. Por um lado, um ferrenho conservadorismo, que tomou a violência e o assassinato como formas de conduta; por outro, um processo de criação artístico-cultural bastante amplo, que lançou ao mundo a base cultural do século XX. De acordo com Walter Benjamin, os homens desse momento “aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso”.²⁴ Foi essa ânsia que levou à criação cultural de Weimar.

Grande parte da produção cultural de esquerda, no período posterior ao grande trovão, tomaria por referência o pensamento de Rosa Luxemburg e sua crença em um mundo mais justo. Daí podemos afirmar que a República de Weimar é, ao mesmo tempo, grandiosa e paradoxal. Grandiosa, por sua cultura e por seu pensamento de esquerda, e paradoxal, por sua organização político-administrativa.

²³ RICHARD, L. **A República de Weimar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 253-254.

²⁴ BENJAMIN, W. Experiência e Pobreza. In: _____. **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1994, v. 1, p. 118.